

## Nomes e destinos: etnohistorias *Sararé*

Edwin Reesink  
Departamento de Antropologia, PPCS, UFBA<sup>1</sup>

### introdução às histórias Nambikwara

O nome dos Nambikwara deriva da ação do *herói nacional* marechal Rondon, que era um exímio nomeador de acidentes geográficos e de povos e gente. Ele compreendia a função da importância do nome para todos as *descobertas* que fazia, já que os nomes incorporavam todos estes fenômenos na esfera do território nacional do Estado Brasileiro, que ele mesmo representava nestas *desconhecidas e inóspitas partes do Brasil*. Nomear era incorporar. Incorporar dentro do Estado-Nação que *legitimamente* englobava estas vastas regiões, mas nas quais não exercia de fato o seu papel que *de direito* lhe cabia: enquadrar e administrar as terras e as populações segundo seus parâmetros. A operação da nomeação fornece o meio de domesticar o *selvagem*, seja este a *natureza* ou o *primitivo* que a habita. Ela expressa o processo da conquista que atualmente é encoberto pela propagação da idéia do *descoberto do Brasil* (para a conquista como se deu no tempo de Serviço de Proteção ao Índio, veja Lima 1995). Desconfia-se entre os especialistas em Nambikwara do próprio nome com o qual Rondon dotou estes *índios*. Já David Price (desde sua tese em 1972 e posteriores artigos) se debatia com o fato que, até a chegada de Rondon, muitas vezes os Nambikwara meridionais localmente recebiam o nome de *Cabixi*. Para complicar a situação, havia também um componente dos Paresi que se chamava regionalmente deste modo. Mas, o que realmente se desconfia é que Rondon, talvez apoiado em um uso local mas não difundido (Price sugere este uso), renomeou os Cabixi para Nambikwara porque o nome Cabixi se associava a índios já mais conhecidos (como os Paresi há muito tempo em *contato*) ou a índios arredios mas com longa história de luta contra a presença dos garimpeiros, enquanto o nome de Nambikwara implicava em uma conotação de um povo arredio e sem contatos históricos de maior duração. Ou seja, o nome de um povo o mais desconhecido possível (como sugere Fiorini 2000).

Rondon, por razões políticas, preferiu encontrar um povo sem maior história, ou seja, sem uma ampla história pregressa antes de sua chegada à região e da sua tentativa de *pacificação*. Envolvido em uma disputa com outras frações da elite brasileira (antes da fundação do Serviço de Proteção aos Índios) acerca do estado de *civilização* e possibilidade ou impossibilidade de *aperfeiçoar os índios brasileiros*, é perfeitamente compreensível que uma reputação de arredios, primitivos em um 'estágio civilizatório mais baixo',

---

<sup>1</sup> A pesquisa foi feita com uma bolsa de *post-doctorate* financiado pela Fundação Neerlandesa de Pesquisa nos Trópicos e com base institucional na Universidade Livre de Amsterdam (VU). Agradeço às duas instituições pelas ótimas condições de trabalho e ao coordenador do Projeto de Pesquisa sobre línguas Nambikwara, prof. W.L. Wetzels, pelo convite de conduzir a pesquisa antropológica.

rebeldes e indomáveis, não tocados pela história nacional, servia-lhe melhor do que uma história de longa duração. Desse modo, e apesar de não termos segurança total que rebatizar os conhecidos inimigos Cabixi em os desconhecidos e arredios *Nhambiquara* faria este sentido para Rondon, de todo modo os atuais Nambikwara nasceram, na verdade, de um ato do mesmo. Nomear é preciso, poderia ter sido um outro dos seus lemas. De fato, a fama maior de Rondon se baseou primeiro na linha telegráfica que, por razões geopolíticas de estado, se propôs a construir entre Cuiabá e Amazônia, e, sobretudo, na subsequente "*pacificação*" dos Nambikwara. Ao assumir a tarefa, Rondon já havia participado em outro empreendimento do gênero e já havia aprendido tanto o positivismo (em que sempre se inspirou) quanto um certo respeito e modalidade de lidar com os *índios*. Ou seja, estava preparado para a tarefa e, ao contrário do que às vezes se pensa, estava firmemente ligado a uma tradição de pensamento de como resolver o *problema dos índios*.

Assim, a história comumente divulgada e circulada na sociedade nacional é que os Nambikwara entraram em *contato* com esta mesma sociedade nacional pelo trabalho de Rondon. Às vezes pode até aparentar que foi o próprio Rondon que fez o *contato*. No entanto, essa é mais uma versão que deriva da construção do mito de herói nacional que terminou por levar Rondon a ser um dos pouquíssimos militares a ganhar o patente de honra de *marechal*. Hagiografia à parte, a fama de Rondon ascendeu junto ao esforço da construção da Linha que passou diretamente no meio de uma parte das terras dos índios que batizou. Os Nambikwara fizeram a fama do militar positivista ao serem *pacificados* pela sua turma – não foi ele mesmo que estabeleceu estes contatos mas o pessoal da Linha que, isto sim, seguiam as suas instruções. A fama dos Nambikwara de nômades ou semi-nômades, indomáveis, arredios, violentos selvagens alcançou o nível nacional e o fato do método rondoniano funcionar justificou a idéia evolucionista de que todos somos da raça humana: os *primitivos* somente se encontram em estágio cultural inferior mas plenamente capacitados a *entrar na civilização* através de um processo educativo guiado pelos mais avançados *civilizados*. Não sendo irredutíveis os mais selvagens e recusatórios, os Nambikwara, então se justifica o SPI e um programa civilizatório para os *índios*. Um relato de um dos homens de Rondon, em um jornal na capital da época, relatou o suposto *primeiro contato*, apoiando a construção do mito mas, na verdade, revelando mais dos seus costumes e valores do que interpretando corretamente a conduta dos índios. A cada lado sua cosmologia de contato. Rondon pesquisava o lixo das aldeias em busca de osso humanos e concluía aliviado que não chegaram a ser canibais. Os índios, por sua vez, se debatiam sobre a possível natureza ruim destes incompreensíveis seres e temiam que os iluminados oficiais eram canibais. Naturalmente, os positivistas teriam ficados chocados se soubessem da suspeita, mas os índios compreenderiam a pesquisa de Rondon, só que ao seu próprio modo (as entidades sobrenaturais perigosos que causam doença e morte são canibais). Foi assim, sob o signo de primitivos semi-nômades passíveis de serem domesticados em um contato cheio de más interpretações que os Nambikwara atuais entraram na história da sociedade nacional.

alguns parâmetros para o entendimento dos *Nambikwara*

Ao contrário do fato que os Nambikwara entraram na história como atualmente mais comumente conhecida no Brasil somente a partir de Rondon, os Nambikwara do Sul já se debatiam com os avanços da *civilização* há muito mais tempo. Três pontos merecem destaque aqui. Primeiro, que o batizado do nome se deu com a invasão das terras de grupos dos Nambikwara do Campo, i.e. da Chapada dos Parecis. Esta região exibe algumas especificidades, já que é uma chapada de grande extensão em que predomina o cerrado e em nascem as cabeceiras dos rios que correm para o norte na direção da bacia do rio Amazonas e em que as terras para cultivo se limitam às florestas de galeria. Uma das conseqüências desta entrada pelo Campo é que na atualidade o nome de Nambikwara tende a se associar à este ambiente e aos grupos que aqui habitam. Hoje na região de Mato Grosso e Rondônia, onde o território Nambikwara se estendia por uns estimados 50.000 quilômetros quadrados, usa-se o nome para um segmento do conjunto de povos Nambikwara. Estes *Nambikwara* habitam a atual Terra Indígena Nambikwara que se localiza na Chapada e que nem mesmo engloba todos os grupos que habitavam nesta mesma grande região. Em alguns momentos se pode ficar com a impressão de que os *Nambikwara* se sentem e são considerados por certos círculos na sociedade nacional como os Nambikwara por excelência. De certa forma a imagem do conjunto abarcado pelo nome Nambikwara se associa a índios habitantes de campos e cerrados e que se moviam por grandes espaços de savana<sup>2</sup>.

Se a particularidade da Linha induziu a uma certa imagem e uma tendência a que os *Nambikwara* da Chapada se tornaram ícones do conjunto, um segundo ponto de importância se relaciona imediatamente a este fato: não somente o nome criou os Nambikwara do Campo, mas ao proceder com a construção da Linha e indo ao encontro de outros grupos, os homens de Rondon foram criando a noção de um conjunto Nambikwara que se tende fortemente a pensar como uma unidade. Há uma certa razão para incluir uma série de povos nesta denominação comum, especialmente uma certa afinidade cultural e lingüística, expressa e visibilizada para o leigo extrâneo, pelo excepcional costume de não dormir em rede. Os Nambikwara preferiam dormir na areia ao lado de um fogo. Esta característica realmente é uma marca única, que, aliás, não deriva de um *desconhecimento* ou de um 'estagio muito primitivo' (Price 1981). Não obstante a partilha desta prática, a distinção nominal abarca um conglomerado diferenciado de dialetos, línguas e variações socioculturais cujas dimensões invariáveis e diferenciadoras ainda não são devidamente investigadas. Certo, no entanto, é que esta variação submerge na denominação generalizante que não faz jus nem a variabilidade provável nem ao sentimento de pertencimento dos povos envolvidos.

---

<sup>2</sup> Não há espaço aqui para discutir a influência enorme exercida pela obra de Lévi-Strauss na imagem dos Nambikwara e os equívocos a que as grandes limitações práticas do seu trabalho de campo o levaram. Basta aqui referir ao fato que os Nambikwara não são nômades sazonais e em condições normais não somente tem aldeias como também uma horticultura diversificada que fornece o básico do seu sustento (Lévi-Strauss nunca conseguiu observar a normalidade).

Os Nambikwara são, após serem moldados pela história da sociedade envolvente, geralmente pensados como uma unidade quando, na realidade, os povos em questão não aceitam esta classificação mas atribuem o nome ao subconjunto dos Nambikwara do Campo que se assume para o seu exterior como tal. Pelas diferenças lingüísticas distingue-se atualmente três línguas na família lingüística Nambikwara, seguindo a proposta de David Price (o seu maior etnógrafo): os Nambikwara do Norte; os Sabanê; os Nambikwara do Sul. Os Nambikwara do Norte foram profundamente afetados pela sociedade brasileira sendo que só partes dos Mamaindê, Negarotê e Latundê se mantêm como segmentos com nome, território e unidade étnica relativamente exclusiva. Os do Norte falam línguas próximas umas das outras. Os Sabanê persistem como povo – numericamente são dos maiores contingentes populacionais – mas sofreram durante um longo tempo uma desarticulação sociocultural muito forte. A língua Sabanê é o único representante do ramo bastante divergente das outras duas conjuntos de línguas (e diferenciado em cultura até onde nos é dado verificar). Por conseqüência desta história tumultuada (doenças estranhas e muitas vezes fatais, ataques de Tupi Mondé, perda de território somente recuperado em parte no ano passado) lamentavelmente se encontra em vias de desaparecimento (a pesquisa se ocupa também dos Latundê e dos Sabanê mas trata deste povos em outro lugar).

Por fim, o ramo dos Nambikwara do Sul se compõe de dois subconjuntos maiores, os do Campo e os do Vale do Guaporé. Os do Campo não sofreram tanto de Rondon e viveram com plena autonomia depois que a Linha caiu em desuso por ficar obsoleto (anos 20-30, quando Lévi-Strauss passou por estas bandas). Em compensação, com a invasão começaram a sofrer invasões e epidemias que culminaram em severa depopulação, extinção de aldeias ou até de conjuntos de aldeias auto-concebidas como sendo do mesmo povo (por exemplo sarampo em 1945). Um processo de reorganização empreendido pelos poucos sobreviventes de cada aldeia para se juntar e se reerguer em aldeias socialmente viáveis após estes disastres mostra uma capacidade pessoal de superar imensas dificuldades, sofrimentos e tormentos. Dessa maneira o seu modo de vida se reestabeleceu; da mesma forma, aliás, os outros povos do Norte, os Sabanê e os do Vale também demonstraram semelhante capacidade, tenacidade e fé no valor de seu modo de vida. A partir da chamada Segunda Guerra Mundial, a invasão das suas terras aumentou com a instalação de barracões e seringais. Depois de 1960 e com a construção de uma estrada federal passando por meio de seu território, a situação piorou novamente e suas terras começaram a ser cobiçadas de modo mais sistemático. A chegada posterior da pavimentação da BR 364 (início anos 80) os afetou bastante, mas esta estrada é lembrado por eles como uma liberação dos seringalistas (Costa 2000). Uma parte dos povos deste subconjunto, exatamente boa parte dos chamados Nambikwara (Halotesu), recebeu parte importante do seu território como Reserva Indígena Nambikwara (fim dos anos 60). Esta reserva é muito grande mas, primeiramente, nem engloba todas as terras de todos os povos do Campo, e, em segundo lugar, era uma armadilha para relocar todos os segmentos do *povo Nambikwara* em uma única *Reserva* (alguns de fato foram obrigados a se mudar, todos acabaram retornando aos

seus territórios de origem). Com muito cerrado e pouca terra cultivável, esta terra não servia para o outro subconjunto do Sul, os povos do Vale. Nesse momento histórico (anos sessenta) os povos do Vale eram os últimos do conglomerado Nambikwara a sair do seu estado de rejeição de contato e iniciando sua trajetória de perda de autonomia. Até os anos cinquenta-sessenta este subconjunto foi o único bloco que manteve sua autonomia e resistiu aos avanços de seringueiros e outros. Pareciam, então ingressar na história nessa época em que o governo, em nome do conceito mágico de desenvolvimento, decidiu que a *variante* da estrada a ser asfaltada, maliciosa e criminalmente, iria passar cortando os seus territórios no Vale ainda rico em florestas e recursos naturais.

### Tamaré, Cabixi, Sararé

Para alguns, um tal ingresso brutal dos Nambikwara do Vale parecia um momento da passagem de um passado indígena sem maior história para um contato com as conseqüências de acelerar ou até inaugurar uma verdadeira 'história'. Contudo, estes povos já tinham uma longa história de diferentes fases e tipos de invasões *civilizadas*. Na primeira parte do século 18, os portugueses descobriram ouro na região do alto Guaporé e fundaram a cidade de Mato Grosso. O *mato* que era *grosso* se localizava no Vale do Guaporé, terras em boa parte indubitavelmente Nambikwara. O ouro descoberto atraiu muita atenção e gente e a cidade se formou como ponto principal da região, virou capital e deu até o nome ao resto da província. Naqueles tempos, os garimpos invadiram a serra de São Vicente, serra relativamente próxima da cidade, ocupando os riachos que desciam do lado oriental do sopé e que desaguavam nos rios da região (tal como o rio Sararé que é afluente do Guaporé). Fundaram vários arraiais, mas iam esgotando o ouro aluvial dos riachos e a produção baixou com o avanço da exploração. A descoberta posterior de ouro em Cuiabá deslocou o centro de gravidade da ocupação colonial e Mato Grosso deixou de ser capital e entrou em um declínio cada vez maior. Ainda no século 18, tentou-se estabelecer uma ligação por terra com o forte Príncipe da Beira, outro lugar estratégico de fronteira; aí uma expedição no meio do século menciona os Tamaré, índios que dormiam no chão e, nesse sentido, a primeira notícia segura dos Nambikwara. Na região do Galera e outros altos rios, inclusive o Sararé (entre a atual Vila Bela, sucessora de Mato Grosso, e Rondônia no Vale do Guaporé, onde estes rios desaguam) havia quilombos, havendo uma descrição de uma expedição que desbaratou uma aldeia quilombola e a refundou sob autoridade colonial. Haveria outros quilombos na região, mas nem a quantidade nem os contatos pacíficos ou as relações de guerra com os índios (o mais provável) ficam inteiramente esclarecidos.

O nome de *Tamaré* some nos documentos que nos são conhecidos (Price investigou a questão em mais de uma oportunidade, e estou dialogando aqui com ele e com Fiorini). Aparentemente não vingou, talvez por causa do fato de que a menção os localiza a certa distância da cidade, enquanto que os esforços de estabelecer uma rota por terra são abandonados em favor do trânsito pelo rio Guaporé. Em compensação, os arraiais na área do alto Sararé e da serra

com o ouro próxima do curso do rio mantiveram uma guerra de longa duração com os índios da região. Esta área pertence hoje aos Sararé, o nome mais comum sob o qual se conhece um subconjunto meridional dos Nambikwara do Vale e os mais meridionais de todo o conglomerado. Portanto, hoje os povoados coloniais estariam até dentro da Terra Indígena Sararé e os restos de suas atividades são visíveis perto de pelo menos uma aldeia atual. Assim, a invasão inicial do alto Sararé poderia ter sido feita às custas dos atuais Sararé. No entanto, há dúvidas a este respeito. Com o passar do tempo, os habitantes da região do sul do Vale e com os quais os invasores lutam, são chamados de Cabixi. A questão é quem são os Cabixi em determinadas épocas históricas. O que complica a resposta é que um dos três subconjuntos Paresi também era chamado de Cabixi, mesmo na época de Rondon (do que estes Paresi não gostavam por ter a conotação de serem os mais *primitivos* dos Paresi; a possível confusão com Paresi poderá ser outro motivo para Rondon nomear os Nambikwara com um outro nome).

Desse modo não é seguro de que os habitantes Cabixi no século 18 eram Paresi ou Nambikwara. Os esparsos indícios de que os índios da região não concluíram alianças nem se deixaram assaltar e prender facilmente contraria a reputação do pacifismo, de presa fácil e bom escravo dos Paresi (o que provavelmente despovoou grandes áreas da Chapada que carrega seu nome), o que favorece uma possibilidade Nambikwara. Por outro lado, Price, que na sua tese não duvidou em equacionar os Cabixi com os Nambikwara, depois arregimentou alguns argumentos para sustentar que o sul do Vale pode ter sido inicialmente área Cabixi-Paresi. Depois, no século 19, o termo teria sido gradativamente aplicado para os Nambikwara, que teriam ocupado os espaços vazios deixados pelos Cabixi. No fim de sua vida, Price, segundo Fiorini, começou a reexaminar hipótese já posta por ele e que apoia a idéia que a Chapada originalmente foi ocupado pelos Paresi e que o abandono de grande parte do platô ao recuar para o sul criou o espaço para um avanço Nambikwara (os do Campo, eles parecem afirmar uma origem no Vale). Mais do que criado somente um espaço pela despovoamento – o que poderia ter sido o caso do sul do Vale no Sararé (mas então, apesar de uma certa sugestão que aponta para isso, Fiorini não explicita totalmente este hipótese) – Fiorini favorece um tipo de coabitação original. Ou seja, se não parece possível decidir a questão pela documentação nacional, dos fragmentos conhecidos da tradição oral Sararé (Price) e Wasusu (Fiorini) transparece a possibilidade de que havia uma relação de troca entre os Paresi e os Nambikwara (evocando analogia etnográficas mais conhecidas). Os primeiros se orgulham de serem exímios horticultores, os segundos de possuir um excelente conhecimento para o sucesso na caça. Assim, Fiorini, também baseado em uma categoria meio errante de homens Wasusu que chegavam a morar e até a exercer um papel de liderança em outros povos (suspeita-se que sem perder o laço com sua origem), tentativamente sugere a possibilidade de um certa mistura e partilha de um mesmo território (e este foi a extensão de sua hipótese com que Price começou a concordar). Vale a pena acrescentar, aliás, de que estes mediadores com o exterior também eram guerreiros por excelência. Por exemplo, guerreando contra quilombos.

Dessa maneira, a etnohistória dos Nambikwara põe novas luzes sobre

sua história e esta se estende bem mais no passado do que muitas vezes pressuposto. Por exemplo, há descrições dos quilombos que incluem um desprezo pelos índios incorporados nestes recriações socioculturais. Infelizmente, nos faltam maiores informações sobre as tradições orais dos povos do sul do Vale. As histórias sobre os quilombos não confirmam a presença Nambikwara no extremo sul, já que os mais conhecidos quilombos se localizavam no Vale central. Certo é que, no fim do século 18, os povoados coloniais, antes aparentemente tranquilos, começaram a sentir a pressão dos índios da região, e que a partir dos anos dez e vinte do século 19 os ataques dos índios na área rural começam a causar a retração da ocupação portuguesa e brasileira. Nesse século, o esgotamento do garimpo, a distância e a concorrência com outras regiões da província fizeram da ex-capital uma cidade cada vez menos importante, que somente manteve algum interesse pela posição geopolítica na fronteira do país. Governos sucessivos raramente atenderam aos reclamos por vingança pelos ataques e apoio à manutenção das posses na área rural (as mensagens dos presidentes da província no momento de abrir o ano legislativo são eloqüentes nesses aspectos). Aqui, apesar da curiosa insistência na capital de, de vez em quando, culpar não somente os Cabixi mas também os Paresi, fica claro que os ataques são obra de povos Nambikwara (os Sararé contam essas histórias em que chegaram a atacar a fazenda que se tornou Pontes e Lacerda, e no século passado havia ataques muito próximos de Vila Bela). Os arraiais e as fazendas da região foram gradativamente abandonados e os índios, certamente as seis ou sete unidades Nambikwara que compunham a ocupação da região do Sararé, conquistaram ou reconquistaram os seus territórios. (Re-)conquista mal conhecida e menos ainda reconhecida na sociedade nacional: em uma carta irada de um habitante de Vila Bela no século 19 se vê que o que parece ter-lhe mais enraivecido não foi o fato de perder terras, mas o fato de perder terras anteriormente conquistadas; o que doía era que na sua época estes primitivos e inferiores sociais e raciais infligiam derrotas aos superiores civilizados. Uma inversão que deveria ser uma impossibilidade e que o afetava profundamente. O que mais incomodava era a derrota simbólica.

### ethnohistórias Sararé e cosmologias de contato

Correndo o risco de projetar na diacronia os conhecimentos etnográficos adquiridos por Price, Fiorini e algum outro antropólogo (Aspelin por exemplo) em uma contemporaneidade, é possível pensar que os atuais Nambikwara do sul, conhecidos como Sararé, já ocuparam a região quando da inicial invasão impulsionado pela corrida de ouro. Os Nambikwara do Vale desse século lançaram mão de um expediente de temporariamente não praticar sua horticultura em resposta às invasões. Conscientemente ou não, reverteram à caça e à coleta que os mesmos invasores costumavam lhes atribuir, firmando uma reputação de indomáveis e muito difíceis de serem achados. Os Sararé apelaram para roças em confins distantes da ocupação invasora. Desse modo, tanto sua reputação parecia se concretizar, ajudando de fato a ficarem mais invisíveis, quanto se explica a possibilidade de recuos estratégicos que faziam acreditar que não ocupavam a região anteriormente. Mais móveis e invisíveis,

levavam uma nova espécie de guerra que parecia consistir de incursões de longe e vindo de fora da região conquistada. Concomitantemente, uma série de concepções e práticas Nambikwara mostram um apego à sua terra: desde o fato de que sepultar um morto fornece um lugar com a condição necessária para ser definido como aldeia, até a presença das cavernas dos espíritos ancestrais e que o conhecimento dos seres sobrenaturais perigosos do seu território é muito melhor e os torna mais seguro para lidar do que aqueles seres das terras desconhecidas ou dos vizinhos. Os Nambikwara prezam possuir o conhecimento prático do seu ambiente e de suas terras em detrimento de complicados rituais ou elaborados objetos fabricadas por eles mesmos. Este conhecimento se relaciona com o que os envolve, e o que os engloba concerne o seu meio ambiente subsumível sob o conceito de território. Até Price subestimou a força da ligação cognitiva e sentimental com o território quando concordou com a proposta que lhe foi imposta de relocar grupos para a *Reserva*, descobrindo depois que todos, de modo algum, se sentiram confortável com a mudança e que todos retornaram às terras de origem (em vários casos infelizmente com custos humanos consideráveis). Aliás, mesmo se fossem nômades – como circula na sua imagem estereotipada e em que está imbutido a pré-noção comum de que eles não se relacionam à terra e, portanto, poderiam ser deslocados à vontade – justamente aí encontra-se um grande exemplo de que esses índios possuem uma ligação fortíssima com o seu território (veja Brody (2001) para os preconceitos sobre nômades e caçadores coletores e como não condizem com a realidade de que são muito intimamente relacionados com suas terras). Desta forma, apesar de haver a possibilidade de expansão em terras antes não ocupadas, as concepções nativas e a luta pela região do Sararé induzem a pensar que os povos hoje conhecidos como Sararé já ocupavam as terras invadidas pelos garimpeiros na corrida ao ouro.

Depois da possível reconquista – aqui também a cada um a sua – os Sararé desfrutaram de sua autonomia e posse indisputada até praticamente os anos sessenta do século 20. Houve invasões, incursões pelos recursos naturais mas o cerco foi se fechando mais a partir dos anos 50. A partir do fim desta década e início dos anos 60, pelo menos alguns dos povos Sararé, já debilitados pela longa duração de um estado permanente de guerra e muito provavelmente já atingidas pelas epidemias que poderiam matar aldeias inteiras, ensaiaram tentativas de estabelecer um contato pacífico. Acabaram deixando que um missionário entrasse nas suas terras e, não matando-o quando houve a oportunidade, deixando que visitasse umas aldeias. O contato assim estabelecido teve um impacto muito negativo em termos de mortalidade e os fragmentos dos sobreviventes destes povos tiveram de se reunir em uma só aldeia para reconstruir uma unidade socialmente viável. Isto é um padrão geral que deu nas atuais unidades étnicas nomeadas (por exemplo, Negarotê do Norte mas marando no Vale e os vizinhos e próximos Wasusu). A população chegou a trinta e poucas pessoas quando é possível conjeturar uma população 'original' de mais de mil pessoas. Foi somente com um programa de assistência especial, concebido e liderado por dois anos por Price, que o declínio da população Nambikwara foi estabilizado e revertido. Nesse momento, como todos os Sararé vivos participaram da mutualidade de uma



única aldeia (*sharing*, reciprocidade generalizada, o modo de vida que marca o grupo local como uma unidade de gente de mesma substância) é que pode se dizer que se forjou uma certa unidade que minimamente faz jus a idéia imposta externamente de serem *Sararé*.

É finalmente desse modo que a história dos Nambikwara do Sul meridionais possui alguma convergência entre as noções extrâneos e as próprias. Como os povos Nambikwara não se nomeiam, mas são nomeados pelos outros – cada um é simplesmente *anusu*, gente como categoria não-marcada de ser humano, em contraste com os outros, estes sim marcados por um nome específico –, a nome e o destino de ser *Sararé* coincidem pelo menos em parte<sup>3</sup>. No entanto, na medida que a população cresceu, a despeito de invasões massivas em busca de ouro e de madeira, e um período grande de falta de uma assistência efetiva, o apoio dos últimos anos permitiu às unidades preexistentes de se reafirmarem na constituição de novas aldeias. A força da alter-classificação e as necessidades continuadas de trocas para uma vida sociocultural viável faz com que os *Sararé* atuais possam ser considerados como ‘um povo’. Isso apesar da insistência, em níveis nacionais, em classificar todos como Nambikwara – apesar da resurgência dos povos anteriores (com dialetos próprios e provavelmente pequenas particularidades socioculturais). A diacronia sedimentada nas etnohistórias, tanto da sociedade envolvente como concebida pelos envolvidos, produziram um novo povo, e que já está em vias de formar um novo dialeto, diferente dos anteriores. As cosmologias do contato dos dois lados divergem e se contradizem na maioria das vezes, ou pelo menos interpretam os ‘mesmos eventos’ de modos diferenciados. A cada um a sua cosmologia, mas que necessariamente se chocarão cada vez mais para produzir novas versões e novas embates de interpretação. É essencial, neste sentido, que na visão *Sararé* eles não foram derrotados em sua guerra mas tomaram iniciativas para conseguir uma aliança (nos seus termos). Que esta aliança se transforme em dominação e resulte em ser envolvido de modo colonial pela sociedade nacional, é um processo de aprendizagem que pelo menos é contraposta pela auto-estima e a conseqüente persistência na fé do valor do seu modo de viver sociocultural próprio. Somente dessa maneira se compreende que, apesar de todos os desastres sofridos, os *Sararé* temem em procurar viver ao seu estilo em um cosmo vivido (um *lived cosmos* com a experiência recreativa de sua cultura e língua análogo ao conceito de *lived world* usado por Gow). Um cosmo habitado pelos *anunsu* que eventualmente são chamados por outros nomes por etnias exteriores (um índio escreveu este termo no quadro negro da escola de uma aldeia como tradução de “índio *Sararé*”). A cosmologia de contato partilha da diacronia da história e ela torna mais compreensível a gênese e a persistência dos *Sararé*. Mas, como a história implicou na dominação colonial em curso, esta cosmologia se transformará e cada vez mais será uma parte mais significativa, dentro da cosmologia geral

---

<sup>3</sup> A Funai, em um esforço de convencer a sociedade nacional da continuada indianidade dos *Sararé*, tende a favorecer nos últimos anos um etnônimo *Katitauhlu*. Mas este também é arbitrário, porque deriva do nome de um líder de uma das três principais unidades sobreviventes e não de algum nome geral próprio. Fiorini sugere ainda que este nome aparentemente indígena seja uma derivação de *capitão*. Alter-classificações não parecem ser muito importantes para os nomeados.

deste povo, para o desenrolar futuro das 'etnohistórias Sararé'.

bibliografia citada

Albert, Bruce e Alcida Ramos (orgs.)

2002 "Pacificando o branco". São Paulo: UNESP.

Brody, Hugh

2001 *The other side of Eden*. Londres: faber and faber.

Costa, Ana Maria

2000 "Os Senhores da Memória". Dissertação de mestrado. UFMT: Cuiabá.

Fiorini, Marcelo

2000 "The Silencing of the Names: Identity and Alterity in an Amazonian Society. PhD thesis, New York University: New York.

Gow, Peter

2001 *An Amazonian myth and its history*. Oxford: Oxford University Press.

Price, P. David

1972 *Nambiquara Society*. Ph.D. thesis, Chicago: Chicago University.

1981 "Earth People". Em *Parabola* Vol. VI No.2.

1983 "Overtures to the Nambiquara". Em *Natural History* 93 (10).

1983 "Pareci, Cabixi, Nambiquara: A case study in the western classification of native peoples". Em *Journal de la Société des Américanistes* Tome LXIX.